

Em Novembro de 1976, escrevia, sobre a situação portuguesa, entre o mais, o seguinte: «... talvez se conclua que se vê tudo negro sem vislumbrar uma saída positiva. Ora, diremos que ainda assim temos esperanças e acrescenta-se que um País de séculos, por pobre que

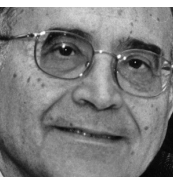
teriais e valores humanos e culturais que possam gerar maior PIB.

Pessoas, empresas e outras instituições dispõem de riqueza, património, realidades evidenciáveis nas suas contas. Porém, os balanços e critérios utilizados nos apuramentos da riqueza do Estado, nação, no seu to-

Boa economia (!)

A nação não dispõe de um balanço de todo o seu património. Há que pôr em marcha o visível mas também o que não está inventariado. É necessário mobilizar recursos que possam gerar maior PIB.

Por Rogério Fernandes Ferreira



Rogério Fernandes Ferreira

- Advogado
- Economista
- Professor Catedrático

seja e aviltado que esteja, possui sempre reservas de energia, riquezas acumuladas ao longo do seu passado e aptidões ao trabalho que poderão provocar um volte face, a recuperação desejada» (cf. «Temas Económico-Políticos», vol.VI, pág. 37). Passaram-se 30 anos. A repetição das perplexidades tornou-nos menos inquietos. Há problemas velhos. O orçamento anual das receitas e despesas do Estado debate-se, de há muito, no tocante ao seu sistemático défice. O assunto é relevante mas maior atenção merecem as causas do défice – despesa pública corrente excessiva e insuficiência do PIB, do rendimento nacional. Haverá que inventariar ou descobrir potencialidades e mobilizar recursos – riquezas ma-

do, são incompletos, ou seja, não se dispõe de informação suficiente sobre a riqueza do Estado, sua variação, sua utilização. Não há um *balanço nacional*. A nação não dispõe de um balanço de todo o seu património e até o ente público Estado, pessoa colectiva de direito público, não dispõe (ainda) de balanço na Contabilidade Pública do Estado. Não há, pois, um *balanço nacional* onde figurem bens do domínio público e bens do domínio privado do Estado e de suas autarquias, locais ou institucionais e bens das demais pessoas colectivas e das pessoas físicas, nacionais ou residentes. Efectivamente, não está quantificada a riqueza do País e proceder a tal inventariação teria utilidades, embora, claro, também dificuldades.





A nossa situação económico-financeira costuma debater-se com base em fluxos de produção, rendimento, receita e despesa. Ora, o que transparece destes fluxos não são indicações suficientes para a apreciação plena da situação económica do País.

O exame dos fluxos dá informações sobre as actividades desenvolvidas - produções, vendas, despesas, etc. - mas não pode revelar inteiramente o estado do País, do que valem as suas riquezas e as potencialidades que com estas se podem alcançar. Há que pôr em marcha o visível mas procurar igualmente descobrir o que ainda não está inventariado nem visível.

As riquezas e as potencialidades de um país não estão confinadas a bens dos domínios (público e privado) do Estado e a bens das suas instituições, empresas e pessoas físicas - residentes e/ou nacionais. Mais do que os bens materiais, conta o que as pessoas fizerem e o que devem fazer de positivo, evitando o negativo. É essencial usar todos os recursos - cultura, história, conhecimentos, estruturas, tecnologias, riquezas materiais, recursos humanos, etc. Quanto vale Portugal? Atrás se refere não existirem dados contabilísticos suficientes. Há indicadores, mas conhecimento real, preciso, não, relativamente a muitas entidades e pessoas que no País actuam ou residem. Atente-se, em especial, que a riqueza, por si só, é inerte; são as pessoas, aptas e motivadas, que a potencializam e a fazem reproduzir e crescer.

Nos tempos que correm determinam-se ocorrências, inclusive de fenómenos naturais com algum rigor (terramotos, torna-

dos, chuvas, temperaturas, chegadas de meteoritos, etc., etc.). Porém, mostra-se ainda difícil prever as conjugações de acontecimentos humanos que acabam em mudanças significativas no Mundo.

Ponderando o passado, estima-se o futuro. Surgem fenómenos que surpreendem e inquietam. É certo que também surgem coisas positivas ou que assim podem ser encaradas. De fora, temos exemplos de surtos de desenvolvimento económico de países e zonas do Mundo. Do Leste Europeu e da Ásia observam-se mudanças impressionantes. E quando o despertar de África e de zonas da América Latina? Estas mudanças serão positivas, encarando-as como diminuidoras de pobreza desses países. E trarão acréscimos de comércio multilateral, aumentando produção e bem-estar mundial. E daí também melhorias para nós? Responde-se que o bem dos outros países pode igualmente ser o de Portugal e dos portugueses. Entende-se de sair da ideia de que o bem de uns traduz-se em mal para os outros. Esta errada visão conduziu, desde sempre, a guerras, desconforto geral e miséria total. Assim o explica a longa História do Mundo. ★

*(Texto recebido pela CTOC
em Março de 2006)*

As riquezas e as potencialidades de um país não estão confinadas a bens dos domínios (público e privado) do Estado e a bens das suas instituições, empresas e pessoas físicas - residentes e/ou nacionais. Mais do que os bens materiais conta o que as pessoas fizerem e o que devem fazer de positivo, evitando o negativo.